

OPINIÃO PÚBLICA

O beijador



Alcivando Lima

Especial para
OPINIÃO PÚBLICA

“Os vícios de outrora, são os costumes de hoje”
Sêneca

Era dono de uma perspicácia incomum e um beijoqueiro por excelência. Beijava a mão de padre, de deputado, de militar (de capitão pra riba) de senador e vereador. Um edil mais ressabiado com medo de uma mordida, retirava a mão no estalo de uma picada de cobra e ainda a sacudia como se tivesse sido ofendido. Não satisfeito em beijar somente a mão, queria também beijar a face. Aí a coisa en- grossava pro lado dele. O macho que é macho não aceita nem um abraço quanto mais essas viadagens. O abraço tem que ser assim de longe, braço no braço segurando o mu- que, sentir o aço dos bíceps do outro sem en- costar corpo com corpo. Abraçar pra quê?... Pras línguas de trapo esparramarem: --- ‘Ocê viu fulano abraçando sicrano?...Hein?...E ocê viu o tempão que um ficou esfregando a ca- cunda do outro como se estivessem areando uma panela, hein?... ‘Cê viu?

Essa mania, essa moda feia de homem beijar cara de homem só fica bem lá no fim do mundo, em terras d’além-mar, nas es- tranhas. Me contaram que tem lugar no mundo que até beijo um barbudo tasca na boca do outro sem a menor cerimônia. É como se nós aqui saldasse o outro dizendo, bom dia, boa tarde e tirasse o chapéu para as madames na maior reverência, mesmo tendo vontade de xingar a mãe do salafrá- rio, um sacripanta que explora viúvas ricas.

Abraçar e beijocar as faces do outro fica bem é para as mulheres que se cumpri- mentam efusivas nos shoppings e nas reu- niões semanais das associações beneficen- tes, mesmo uma querendo esganicar a ou- tra pelo atrevimento duma vestir o mesmo modelo da outra comprado na feira da marreta e uma falando que trouxera de Pa- ris na última viagem que fizera à Europa ocidental. Pode até ser a última moda em Paris, mas um Zé Chuleio de fundo de quintal a copiou e o trem saiu supimpa e ta-

cou lá na feira e o povo tá comprando co- mo se compra rapadura e farinha.

Mas o nosso acelerado não se conforma- va somente em cumprimentar. Tinha que tocar, beijar mão e, supremacia dos deuses: beijar a face do cumprimentado. Se não ocorresse o beijo, o nosso serelepe embur- rava-se, ficava ensimesmado com cara de calango que chupou limão e se ficasse com cara de tiú que chupou ovo era por que ti- nha conseguido beijar.

E aconteceu no cinema que exibia Ro- meu & Julieta e ele percebeu que a mulata gostosíssima ao seu lado choramingava fini- nho com o sofrimento de Julieta que, ao avistar o frade pergunta-lhe numa languidez de estremecer estátua de bronze: --- “O meu bom frade, onde está o meu amado e ines- quecível Romeu?” --- E o frade, numa cari- nha de lua cheia, responde numa contrição de picotar o coração do Átila: --- “Ouço bu- lha, sai senhora desse ninho de morte, de contágio e sono contrário à natureza”... --- E antes de chegar ao final, Julieta dá uma bron- ca no Romeu desmaiado por ele não ter deixado nadica de veneno e, na tentativa de ca- tar um restinho na comissura labial, o beija pra se finar também. O nosso cara de fuinha, condoído com tanta infelicidade age num frenesi de marimbondo e casca-lhe uma bei- jo na face carregada de pó de arroz tirando-a do estupor e, temamente lhe balbucia “um calma meu querubim, eu tô aqui, viu?” e es- ta, sem ao menos lhe dar tempo de pronun- ciar “Paralelepípedo e Otorrinolaringologis- ta”, ré-casca-lhe um pescoço no pé-do-ou- vido com tanta força que o estalo retumba como um trovão, arremessando-o do asse- nto e forçando-o a roçar os beijos babentos na nuca suada dum sujeito de uns dois me- tros de largura por dois e meio de altura e muques que não cabiam numa forma de queijo. O jamanta nem tchum com o baque da beicola roçando-lhe a nuca. Só olhou pra trás e, educadamente levantou-se sorrindo já com o meliante seguro pelo pescoço, ar- rastando-o e falando comoventemente:

---‘Cê num aprendeu nada, meu ne- guim! Vou te levá lá fora mode te ensiná a não beija muié alhêia e nem babá na nuca de macho!... Bora!!!

(Alcivando Lima, alcivandoli- ma@gmail.com)



Ações que vão tornar o estudo mais produtivo



Christian Barbosa

Especial para
OPINIÃO PÚBLICA

Muitas pessoas têm dificuldades de se planejar quando o assunto é estudo. O que elas precisam entender, porém, é que, para fazer dessa atividade algo agradável, é pre- ciso se organizar a partir de três elementos- chave: planejamento, ambiente propício e energia adequada.

A organização é a porta inicial para que o estudante entenda a importância da gestão do tempo em sua vida. Quanto mais cedo perceber que isso é imprescindível, mais ele poderá gerar e colher frutos com a sua prá- tica. Por isso, elaborei uma lista com ações que vão ajudar a tornar o estudo mais pro- dutivo. Confira:

PLANEJAMENTO

● Crie um plano de estudos – o ideal é elaborar um plano de estudos semanal. Não adianta deixar para olhar na segunda- feira quais são as tarefas do dia seguinte, is- so deixa o seu tempo muito apertado e sem espaço para lidar com possíveis imprevistos ou urgências. Minha recomendação é que reserve um dia, como o sábado ou o do- mingo, e avalie a semana inteira, conside- rando provas e entregas de trabalhos. A partir disso, monte uma agenda para a sua semana. Você pode colocar essas atividades em um quadro branco, em uma folha de papel, agenda ou mesmo em um aplicativo de celular. O importante é deixar tudo o que deve fazer registrado para ter uma vi- são geral de todas as tarefas relacionadas ao estudo.

● Antecipe as atividades – ao montar a agenda, visualize o que você pode fazer an- tes do prazo final. Caso tenha uma prova na quarta, em vez de estudar todo o conteúdo em um único dia, dívida em três etapas, uma em cada dia, com no máximo 30 mi- nutos. Isso vai ajudar a desenvolver um pensamento sobre a matéria e não vai te so- brecarregar.

AMBIENTE

● Ambiente certo – crie um ambiente que te coloque em um estado propício aos estudos, evite locais escuros, pois cansam os olhos e tomam a atividade cansativa. Tenha um espaço com uma mesa e uma boa iluminação. Com um lugar específico, você pode criar um pequeno ritual para que o cérebro se adapte a esse padrão de com- portamento.



● Música nos estudos – diversas pesqui- sas comprovam que músicas clássica e bar- roca ajudam a aumentar o nível de concen- tração, a ampliar a percepção sobre a maté- ria, a reter a informação com mais facilitada- de e ainda contribuem com o desenvolvi- mento da memória.

ENERGIA

● Nível de energia – gosto muito da frase: “a preguiça é o vício do fracassado”. Ou seja, se você está com preguiça de estudar, provavelmente, algo vai dar errado em bre- ve. É preciso ter disposição e energia. Dor- mir bem para recuperar as energias e se ali- mentar corretamente são essenciais, pois vão servir de combustível para o cérebro e garantir uma melhora na sua performance.

Essas ações são básicas para quem dese- ja ter mais produtividade nos estudos. Essa atividade não precisa ser chata, basta saber se planejar para se antecipar aos proble- mas, ter um ambiente que te permita estu- dar com resultado e ter energia para fazer acontecer.

(Christian Barbosa, maior especialista no Brasil em administração de tempo e produ- tividade, CEO da TriadPS, empresa multinacio- nal especializada em programas e consultoria na área de produtividade, colaboração e ad- ministração do tempo. Ministra treinamentos e palestras para as maiores empresas do país e da Fortune 100. Autor dos livros “A Tríade do Tempo”; “Você, Dona do Seu Tempo”; “Es- tou em Reunião”; co-autor do “Mais Tempo, Mais Dinheiro”; e “Equilíbrio e resultado – Por que as pessoas não fazem o que deveriam fazer?”. Sua mais recente obra: “60 Estraté- gias práticas para ganhar mais tempo”. www.triadps.com.br e www.maistem- po.com.br)



Rafael Cervone

Especial para
OPINIÃO PÚBLICA

Desde 1912, quando as marcas do atletismo começaram a ser men- suradas, o recorde mundial do salto em altura avançou 45 centímetros e o da corrida de cem metros rasos di- minuíu um minuto e dois décimos. Em todo torneio e principalmente nas olimpíadas, como a do Rio de Janeiro, é sempre grande a expecta- tiva quanto à quebra dos recordes dessas duas provas clássicas, que se refletem em todas as modalidades esportivas, nas quais o desempenho dos praticantes também evolui sis- tematicamente.

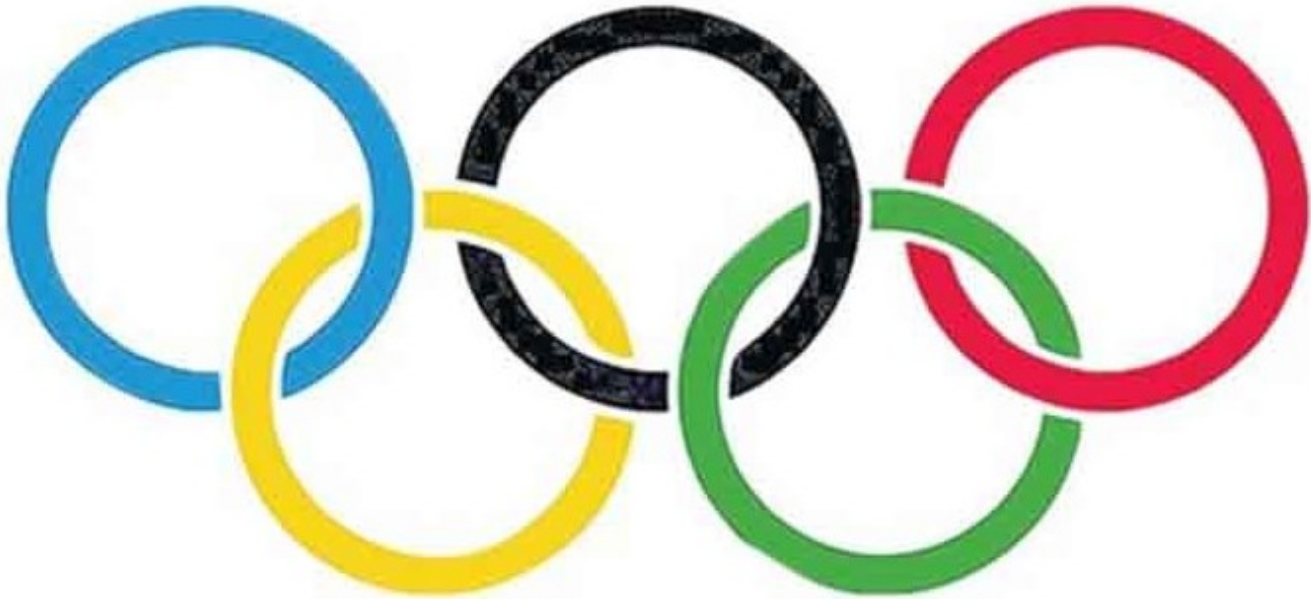
Cada marca derrubado testemu- nha o infinito esforço de superação do ser humano, o aperfeiçoamento dos métodos de treinamento e a tec- nologia dos materiais utilizados pe- los atletas. Neste último item desta- cam-se os tecidos dos uniformes, desde os usados pelo pessoal do atle- tismo e da natação, que reduzem a resistência do ar e da água, até os que vestem jogadores de basquete, fute- bol, vôlei e outras modalidades, que não retêm o suor, são mais leves e garantem plena ventilação da pele durante todo o jogo. Aumentam a microcirculação sanguínea, retar- dam a fadiga muscular, aceleram sua recuperação e monitoram eletrôni- camente a performance dos atletas. Tais avanços não beneficiam ape-

Muito além de roupas e recordes

nas os esportistas de alto rendimen- to, pois são aplicados na produção regular do vestuário destinado ao consumo, contemplando atletas amadores e milhões de pessoas em todo o mundo. Não pensem, con- tudo, que os uniformes que estarão sustentando recordes e dando um show de design na Olimpíada do Rio de Janeiro chegaram ao limite da evolução tecnológica da indústria têxtil e de confecção. Vem aí a manu- factura avançada, na qual o setor está plenamente engajado.

A inserção brasileira nessa nova onda tecnológica, suas possibilida- des e desafios estão expressos no trabalho “A quarta Revolução In- dustrial do Setor Têxtil e de Confec- ção: A visão de Futuro para 2030”, convertido em livro assinado pelo doutor em Engenharia de Produção Flávio da Silveira Bueno. Os estudos foram coordenados pela Associação Brasileira da Indústria Têxtil e de Confecção (Abit), pelo Centro de Tecnologia da Indústria Química e Têxtil do Senai (Senai CETIQT) e pela Agência Brasileira de Desenvolvi- mento Industrial (ABDI).

Globalmente, o setor deverá mi- grar, de modo cada vez mais rápido, do modelo de competitividade base- ado na baixa remuneração do traba- lho, predominante nos países asiáti- cos, em especial na China, para um sistema industrial marcado pela au- tomação modular, robotização, re-



des digitais de comunicação, novos materiais, a chamada internet das coisas, design inovador, produção mais ágil e customizada. Consumi- dor e indústria passarão a interagir mais, num processo de coevolução.

Para o Brasil, a manufatura avan- çada significará ótima oportunidade de concorrer com a produção dos asiáticos. Porém, ao mesmo tempo, implicará o desafio de disputar mer- cados, inclusive o interno, com países de alto desenvolvimento econômico e tecnológico, como os Estados Uni- dos e os da União Europeia, que de- verão, paulatinamente, voltar a inter- nalizar sua produção, depois de a te- rem transferido para outras regiões.

No contexto das oportunidades, há amplo espaço para as pequenas confecções. Uma minifábrica auto- matizada e integrada abrangerá o processamento dos pedidos, de- sign, modelagem, corte ótico, ma-

nipulação robótica, costura, acaba- mento e expedição. Isso permitirá a produção personalizada, com lu- cratividade duas ou três vezes mai- or do que a verificada nos processos convencionais.

Dentre os desafios, inclui-se, ain- da, a preparação de uma nova gera- ção de recursos humanos. Afinal, um sistema robotizado e virtualizado re- quer trabalhadores mais qualificados, talentosos e aptos a lidarem com tec- nologias altamente produtivas. Tal demanda remete a duas questões bá- sicas: a primeira refere-se à melhoria da qualidade do ensino público e do acesso às universidades e escolas téc- nicas, pois a formação profissional do Sistema S, embora muito eficaz, não é suficiente para suprir de modo am- plo um país com 206 milhões de ha- bitantes; a segunda relaciona-se à ar- caica legislação brasileira, que não atende à permanente evolução das

relações trabalhistas, cada vez menos atreladas a normas genéricas e cada vez mais baseadas em acordos custo- mizados entre o capital humano e as empresas. Ou seja, a reforma traba- lhistas, reivindicada há tanto tempo pela sociedade, não pode mais ser postergada.

Numa analogia com os Jogos Olímpicos, a evolução da indústria têxtil e de confecção brasileira, assim como de todos os setores de ativi- dade, tem sido comparável a uma cor- rida de obstáculos, que são muitos: impostos e juros elevadíssimos, inse- gurança jurídica e imprevisibilidade das políticas públicas, crescente de- sequilíbrio fiscal do Estado, desesta- bilizando a economia, encargos tra- balhistas muito onerosos e excesso de burocracia, dentre outras conhe- cidas barreiras.

A despeito dessas dificuldades his- tóricas, o setor tem estabelecido marcas significativas de evolução. Agora, parte para o estabelecimento de novos recordes no contexto da manufatura avançada. Que as mu- danças políticas em curso no Brasil contribuam para remover os empe- cilhos enfrentados pela indústria, pois na corrida do desenvolvimento, diferentemente do ideal olímpico, não basta competir; é preciso vencer.

(Rafael Cervone, presidente da As- sociação Brasileira da Indústria Têxtil e de Confecção (Abit))